

RESIGNIFICANDO JOGOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, A PARTIR DAS IDÉIAS DE VYGOTSKY*

Lúcia Helena Corrêa Lenzi**

RESUMO

Este trabalho relata as primeiras experiências de um projeto pedagógico em Educação Física, que investiga, a partir da concepção sócio-histórica, a construção e a apropriação do conhecimento socialmente produzido. Tendo o jogo como instrumento, busca investir num processo de ensino-aprendizagem, que alocado na intencionalidade, esteja comprometido pela mediação, com sujeitos críticos e autônomos.

ABSTRACT

This paper reports the first results of an on-going project on Physical Education which investigates, from a social-historical perspective, the contriction and appropriation of the knowledge socially produced. This project uses the game as an important tool and aims at developing a teaching-learning process based on intentionality and on a comitted medieition to critcal and autonomours subjects.

* Um projeto que busca a "praxis" no cotidiano da Educação Física, construído na vivência cotidiana do Colégio de Aplicação da UFSC, com os alunos das quartas séries, em 1996.

** Professora do Colégio de Aplicação da UFSC.

Introdução



Educação Física, na sua especificidade que é a “cultura corporal do movimento humano” (Ouriques, 1995), deve oportunizar ao indivíduo, pela intencionalidade, superar a dicotomia corpo-espírito; a participa-

ção crítica e reflexiva na construção e transformação da realidade social, partilhando, desse modo, dos signos que serão registrados em seu corpo.

Esta significação é aqui buscada através dos jogos, pois “quando a criança joga ela opera com os significados das suas ações, o que a faz desenvolver sua vontade e ao mesmo tempo tornar-se consciente das suas escolhas e decisões” (Soares, 1992).

Sendo o jogo uma construção humana, deve ser problematizado e refletido em todas as suas possibilidades de ação, para que a criança, nessa sua própria ação, reconheça, não a motilidade do que está posto na sociedade, mas sim o movimento incessante da tese, antítese, síntese.

Justificativa

O homem nasce corpo/consciência. É na unificação corpo/consciência que o homem constitui seu EU, que se essencializa, que se singulariza, pelas relações que vai estabelecendo com o mundo. Corpo é objetividade e consciência subjetividade, não podendo se resumir nem em um nem em outro por que são simultaneamente tecidos.

É então pela condição biológica, enquanto atividade cerebral e pelas relações com o mundo que o sujeito vai construir sua identidade. O ser humano constrói-se como um ser social, o social e o biológico não opõem-se, mas coexistem dialeticamente. Ao se observar o desenvolvimento de uma criança (Ontogênese) percebemos que ela recapitula, ao mesmo tempo que acelera qualitativamente, o desenvolvimento da Espécie Humana (Filogenese), ou seja, primeiro nascemos numa dimensão corpórea numa dada cultura, e é na reciprocidade desses pólos que nossa motricidade vai acessando e sendo acessada aos significados, ao que já foi vivido...pensado...sentido pois a própria construção do ser humano se dá pelo e no processo de apropriação do já conquistado pelas gerações precedentes. São as relações construídas e internalizadas a partir do meio cultural e a própria motricidade que singularizam o homem. Portanto, o homem primeiro existe e depois se essencializa.

Segundo Thong (1981), Piaget postula que, necessariamente, para aprender o indivíduo precisa estar pronto, maduro para que esta aprendizagem ocorra de modo competente. Vygotsky, psicólogo soviético (Oliveira, 1993), adota uma visão de homem basicamente social, onde a essencialização se faz a partir de dois fatores indissolúveis: de um lado, o desenvolvimento do sistema nervoso e de outro a qualidade das trocas que esse homem vai construindo e que ao mesmo tempo o constrói.

Vygotsky constatou que as possibilidades de aprendizagem não seriam então definidas só pela maturação,

mas também pelas trocas, quer sejam, criança/criança e ou adulto/criança, adquirindo, na interação, condições estruturantes na construção do conhecimento na medida em que possibilita, além da dimensão afetiva, suporte desafiante para a atividade cognitiva. A este nível Vygotsky chama de

“zona de desenvolvimento proximal. Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas, sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.” (Vygotsky, 1994).

Nesta perspectiva, se legitima uma visão de aprendizagem num processo essencialmente social, que ocorre na interação com adultos e ou companheiros mais experientes, onde o papel da linguagem é destacada e ao professor cabe a condição de mediador entre aluno e o conhecimento. Para que a criança se aproprie dos conceitos socialmente construídos, necessário se faz a interiorização que se dá primeiro a nível social e depois na condição individual, pois para Vygotsky

“todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, entre pessoas (como categoria inter-psicológica) e, depois no interior da criança (como categoria intrapsicológica)” (1984, p.94).

Tendo então clarificado a concepção de aprendizagem na qual este projeto pedagógico de Educação Física se apóia, como um professor dessa especificidade, que se vê como mediador, poderá com o seu conteúdo incidir sobre o que postula esta teoria?

O jogo, a dança, a prática de esportes, a ginástica foram historicamente construídas pelo homem, representam, portanto, ações praticadas na trajetória histórica e como tal deve fazer parte da nossa prática pedagógica. Estes conteúdos, com devido trato pedagógico, são formas de que a educação física lança mão para que o indivíduo se aproprie da cultura socialmente produzida e devem ser entendidas como parte indissociável da significação humana e social.

A entrada da criança na escola marca e traz para a sua própria vida um novo tempo, novas experiências, novos amigos, traz, enfim, o desconhecido. Essa criança que vem à escola e traz na mochila um material a ser usado, traz junto a expectativa, num coração que bate forte mas que já bate e sente há pelo menos sete anos de vida. Só isto já pressupõe e explicita um tempo já vivido, primeiro na família e como esta neste momento histórico/cultural é constitutiva maior da sociedade, traz e ins-taura na criança todos os seus valores, sua moral, suas ansiedades, prazeres, necessidades, emoções, tristezas, experiências que são corporalizadas e expressas no próprio corpo pelos movimentos corporais, pelas brincadeiras, pelos jogos. Enfim, a criança não chega à escola para ser “feita”, para ser expropriada de um viver que já foi

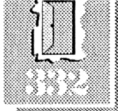
construído. A criança vem a escola para se apropriar, para e pela mediação do professor entrar em contato com um saber que até então foi produzido e sistematizado. Se a criança não interagir com o conhecimento produzido, este será então “posto” na criança que com certeza nele não se reconhecerá e nem tampouco com este conhecimento se responsabilizará. Será um receptor de conhecimentos acumulados, um reprodutor e não um transformador, pois para podermos transformar, devemos conhecer a história, o construído do que se pretende transformar. A Educação Física não deve então se apropriar dessa criança e sim possibilitar que a criança se aproprie dos conteúdos pertinentes à Educação Física, pois, “o gesto nunca é apenas corporal: ele é significativo e nos remete imediatamente à interioridade do sujeito” (Araújo, 1993).

Portanto, o movimento humano não pode ser entendido como uma manifestação motora, mas sim, como uma interação da motricidade-história-cultura, que essa criança ao nascer se deparou e precisa nela se reconhecer, se identificar, para poder transformá-la.

Assim, a ação pedagógica deve repercutir sobre todas as dimensões do comportamento da criança, não mais introjetando valores predeterminados e regras imutáveis... É, portanto, nosso papel, reconhecer essas regras, compreendê-las para poder escolher viver o modelo, ou superá-lo...” a ação educativa deve preparar o aluno para opinar, discutir e transformar a ordem social, bem como dar acesso à cultura e à história do seu povo num processo dinâmico, consciente e contínuo” (Revista de E.F./UEM, 1992).

Tornar uma aprendizagem significativa, alocada na intencionalidade do movimento, possibilitando a partir disso um fazer compreendido, foi sempre a questão primeira deste projeto pedagógico. A fundamentação deste projeto mesmo, traz consigo a autonomia do sujeito, pois segundo Wallon quanto mais a criança compreende seu próprio gesto, mais ela desenvolve sua cognição e consequentemente mais autônoma ela será, para agir sobre a realidade exterior. Portanto, a autonomia é também construída, assim como o é a passividade, a aceitação incondicional e o serventilismo. Contribuir para que, efetivamente, se instaure a autonomia, que significa autogoverno, é capacitar, propiciando às crianças tomadas de decisões não só a partir do seu ponto de vista, mas a partir de si mesma numa coletividade. É nesta ótica que este projeto pedagógico, no seu todo, pretende envolver-se, ou seja, contribuir na impregnação da autonomia do aluno.

É importante esclarecer que o aluno de quarta série, conforme Wallon (apud Thong 1981) está na fase categorial (6-11 anos) que “é a capacidade de variar as classificações segundo as qualidades das coisas, de definir as suas diferentes propriedades...”. A criança agora já se reconhece como um ser, num mundo exterior e objetivo, não mais e somente pelo viés familiar, mas também pelo jogo das relações, marcado pela cooperação, construção, descoberta, negação e apropriação de papéis sociais, é enfim a passagem do sincretismo, do nebuloso ao inteligível. No processo de ensino aprendizagem, na especificidade tratada, o jogo recreativo e o pré-desportivo são vistos e redescos-



bertos não só como jogos, mas como um recorte do cotidiano, que enquanto instrumento, possibilita a atividade motora que contém as questões básicas no que diz respeito à criticidade social e cultural, e aos princípios básicos da concepção de aprendizagem eleita.

Pois se a reprodução pura e simples de regras referenda o “fazer”, a **REPRODUÇÃO-DECONSTRUÇÃO-CONSTRUÇÃO** de regras de jogos a partir do referencial posto, referenda e legitima “sobre o fazer” pois o ser que sabe o que faz na sua totalidade, é o mesmo que compreende o seu próprio fazer.

Metodologia

Nas três aulas semanais de Educação Física das quartas séries do colégio de Aplicação - UFSC - será proposto aos alunos o projeto: **RESIGNIFICANDO JOGOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, A PARTIR DAS IDÉIAS DE VYGOTSKY** (anexo 1), que será o próprio ato feito a partir da compreensão e se desenvolverá em três etapas. Na primeira delas - **REPRODUÇÃO** - o trabalho será colocado à ponderação dos alunos, que perfazem um total de vinte e cinco, em cada quarta série, serão, segundo critérios estabelecidos entre professora/alunos, divididos em cinco pequenos grupos. Cada subgrupo receberá um jogo (Miranda, 1980. Appell, 1976) diferente dos demais, que será previamente selecionado pela professora. Em seus subgrupos as crianças lerão, discutirão, compreenderão e experimentarão o jogo que lhes couber. Assim que cada grupo

repassar a compreensão do seu jogo à professora, será estabelecida uma sequência de apresentações ao grande grupo. Os pequenos grupos se articularão para apresentarem, explicarem, coordenarem e serem árbitros do seu jogo ao grande grupo. Vencida a primeira etapa passaremos à segunda etapa - **DECONSTRUÇÃO** - onde com novos critérios, outros pequenos grupos se formarão, mediados pela professora, trabalharão no sentido de reconstruir um jogo, que foi, na primeira etapa experimentado, a partir de referenciais mínimos, como por ex.: material, espaço, e disposição dos alunos. O processo de apresentação ao grupo, proposto pela professora, será de se repetir o da primeira etapa.

Na última etapa - **CONSTRUÇÃO** -, os grupos se reorganizarão, agora com a tarefa de construir novos jogos, partindo de critérios colocados pela professora. Cada turma elegerá um jogo que a representará nas Olimpíadas. As trocas acontecerão também entre as três turmas de quarta série, oportunizando a apropriação, por todos os alunos, dos jogos eleitos.

Após cada aula e entre cada etapa serão registrados pelo professor e num processo interativo, levantados e discutidos com os alunos a movimentação e a dinâmica do grupo, bem como os argumentos, articulações e estratégias que ocorreram durante o jogo, nas mais variadas trocas efetivadas no trabalho proposto/construído entre professor/aluno - aluno/professor.

As divergências, as discussões, as trocas e as devolutivas das crianças, que são ricas, densas, refletidas, consis-

tentes confirmam, e legitimam a idéia de que o novo só se constitui a partir da diversidade e da contradição. É nesta perspectiva que este projeto se edifica e se constrói para que possa ser reproduzido ... desconstruído ... construído ... reproduzido...

Objetivos

- Confirmar o comprometimento e entrelaçamento da educação física ao objetivo da escola, propondo atividades críticas geradoras de compreensão com vistas à autonomia do indivíduo.
- Investigar e experimentar estratégias de ensino para o desenvolvimento dos conteúdos da educação física.
- Oportunizar atividades visando às necessidades lúdicas, psicomotoras e sociais dos alunos.
- Possibilitar ao educando reconhecer seu movimento corporal quanto as qualidades físicas básicas - força - coordenação - resistência - velocidade e flexibilidade.

Desenvolver a capacidade comunicativa, bem como a percepção do ritmo do seu corpo na interação grupal durante um jogo ou uma atividade.

- Compartilhar o reconhecimento e a construção de regras em grupo, responsabilizando-se e respeitando seus companheiros e a si mesmo.
- Possibilitar à criança perceber como se estrutura internamente um jogo, bem como seus elementos constitutivos: participantes, material, espaço e regras.

- Possibilitar situações em que a criança possa desenvolver suas habilidades, relações sociais, atitudes, trânsito entre o êxito e o fracasso, o senso crítico e responsabilidade.

Metas

Possibilitar, a partir dos diversos modos de composição dos grupos, a vivência de jogar com o outro e não contra o outro.

Interagir com outras áreas do conhecimento escolar sistematizado, pela leitura, compreensão e escrita dos jogos propostos.

Desenvolver métodos de ensino para a especificidade de Educação Física na perspectiva Sócio-Histórica.

Bibliografia

- APPELL, Claude. *O meu livro de jogos de ar livre*. São Paulo : Verbo, 1976.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo : Moderna, 1993.
- GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon, uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis : Vozes, 1995.
- MIRANDA, Nicanor. *200 jogos infantis*. Belo Horizonte : Itatiaia, 1980.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. Vygotsky: Scipione, 1993. *Aprendizado e desenvolvimento um processo Sócio-Histórico*. São Paulo.
- OURIQUES, Rosiane B. G. *Futebol Desporto x Futebol de Rua: existe outra opção de futebol para a escola?* In: *Motrivivência*.



SOARES, Carmem Lúcia et al. *Coletivo de Autores - Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo : Cortez, 1992.

THONG, Trau. *Estádios e conceitos de estádios de desenvolvimento da criança na psicologia contemporânea*. São Paulo : Afrontamento, 1991.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo : Martins Fontes, 1994.